

Editorial

Primavera de 2023: lá se vão 20 anos de Lei 10639/2003, legislação que serviu como um divisor de águas para a população negra, fruto das lutas e anseios do Movimento Negro brasileiro. Foi a partir dela que o ensino de História e Cultura Afro-brasileira foi incluído no currículo oficial da Rede de Ensino e muitas crianças passaram a ter a oportunidade de conhecer outra história a respeito do continente africano e dos povos da diáspora por meio dos processos de resistência negra gerados pelos povos africanos escravizados no Brasil.

Por conseguinte, foi a partir desta legislação que se deu a ampliação e visibilidade da produção de materiais que retratam o povo negro em toda a sua beleza, eliminando estereótipos e representações caricaturizadas e negativas que por muito tempo povoaram livros e espaços em que essa população era retratada. Após esta lei meninos e meninas puderam se sentir representados nas imagens, nas narrativas, na mídia, nos livros de literatura infantil. Muitos passos foram dados, mas a luta ainda não acabou, pois sabemos que nem todos cumprem a legislação.

Novembro de 2023: mês da consciência negra, data emblemática para o povo negro na busca pelo reconhecimento de suas contribuições para a formação da sociedade brasileira, de valorização das suas produções e respeito à sua cultura, identidade e humanidade. Por isso, é um desafio e um reconhecimento escrever o editorial de uma revista que só vem crescendo no meio acadêmico e que trata de temáticas tão caras a pesquisadores e pesquisadoras que se somam à luta antirracista, reverberando em suas pesquisas perspectivas de combate ao racismo.

Na seção destinada aos artigos, 13 pesquisas dialogam para interrogar a sociedade brasileira por meio de dados que escancaram o racismo, mas que com igual pujança convocam a todos/as a se engajarem nessa luta que não é apenas da população negra, mas de toda a sociedade. E por seguinte teremos a seção de resenhas com 05 produções.

O primeiro trabalho é **Racismo: uma busca pelas pesquisas da região centro-oeste do Brasil na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)** apresentando um estudo que apresenta uma revisão sistemática de literatura no intuito de analisar como a questão racial aparece em teses e dissertações da região Centro-Oeste do Brasil. Utilizando a BDTD na busca por estudos centrados na região centro-oeste do Brasil, os seguintes descritores foram elencados: racismo, sociedade, raça e preconceito retornando oito pesquisas efetuadas num período compreendido entre 2010 e 2018. Dentre os resultados, houve a constatação de que a população

negra é a mais preocupada com questões de racismo, pois para os demais ainda falta consciência racial.

“A minha morada é onde eu me sinto bem”: tecendo diálogos e (re)existências entre as/os professoras/es da escola estadual indígena pataxó Muã Mimatxi e da escola municipal de Bento Rodrigues é um artigo resultante da participação em um curso de extensão oferecido pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no segundo semestre de 2022. Sua leitura é de extrema relevância para compreender as vivências tanto da comunidade de Bento Rodrigues, vítima do rompimento da barragem da mineradora Samarco S.A. quanto da etnia Pataxó que para romper com estratégias de dominação utiliza o Tehêy, como ferramenta de resistência.

Intitulado **O jogo da vida: cidade de ilusões**, o artigo utiliza uma história para mostrar que quando o assunto é mobilidade e ascensão social o marcador social de raça é determinante, desconstruindo a falácia do ideário de meritocracia liberal. O estudo demonstra que o racismo estrutural ainda determina espaços aceitáveis para negros e pardos, sendo fator de exclusão, dominação e até mesmo de eliminação dessa população que constantemente tem seus direitos violados.

Um novo marco no combate ao racismo e na promoção da equidade: a convenção interamericana contra o racismo, discriminação racial e formas correlatas de intolerância é um artigo que trata da Convenção Interamericana contra o Racismo, a Discriminação Racial e Formas Correlatas de Intolerância que tem como objetivo o combate ao racismo nas Américas. Neste estudo foram analisados os principais aspectos deste tratado de Direito Internacional que foi internalizado recentemente pelo Brasil por meio do Decreto nº 10.932/2022. Por meio da discussão constata-se que a Convenção consiste em um instrumento a mais no combate à discriminação e ao racismo.

Gestão participativa e os desafios e possibilidades encontrados por ela na implementação da Lei 11645/2008 é o objetivo do artigo intitulado **Desafios e possibilidades da gestão participativa na efetivação da Lei 11.645/2008 na educação escolar indígena: um estudo de caso na Aldeia Sagarana – Baía da Coca (RO)**. Por meio de um levantamento bibliográfico, a história da Aldeia Sagarana é descortinada e, em tom de denúncia, é anunciado que o local passa por dificuldades como escassez de materiais e falta de professores indígenas para atuarem junto às crianças, descumprindo o que preconiza a legislação no tocante à educação escolar indígena.

Em **Mulheres Quilombolas do Quilombo Coxilha Negra** é tratado os temas educação e participação político-social de mulheres quilombolas, com reflexões desenvolvidas durante o mestrado do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG),

realizadas por uma pesquisadora negra, quilombola, militante do Movimento Negro e pertencente a comunidade na qual está sendo realizada o estudo, objetivando analisar e compreender quais são os desafios imbricados nas trajetórias das mulheres quilombolas do Quilombo Coxilha Negra, localizado na zona rural do município de São Lourenço do Sul, região Sul do Rio Grande do Sul.

O artigo **Cinema, negritude e decolonialidade** traz uma análise do filme *Corra! Que foi* dirigido e escrito pelo cineasta e roteirista norte-americano Jordan Peele. Realiza a análise fílmica a partir dos conceitos de negritude e decolonialidade, compreendidos como paradigmas antirracistas e afirma que a obra destaca as formas de resistência negra à assimilação da cultura dos colonizadores e aos ditames da branquitude. Há a constatação de que no filme a valorização da cultura negra e a afirmação da negritude mostram-se são exaltadas.

O artigo **“Seria o lápis um marcador?”: uma proposta de educação antirracista no ensino básico à luz do curta-metragem Dúdú e o lápis cor da pele (2018)** teve como objetivo discutir as representações étnico-raciais presentes no curta-metragem dirigido por Miguel Rodrigues e roteirizado por Cleber Marques. Com duração de 19 minutos, apresenta os dilemas vividos pelo personagem Dúdú ao ser confrontado a respeito do lápis cor de pele. Outrossim, o trabalho orienta uma proposta didática partir do filme, visando a formação crítica dos estudantes em relação às pautas étnico-raciais, possibilitando uma educação antirracista.

O artigo **Racismo ambiental, justiça ambiental e mudanças climáticas no Brasil: uma análise dos relatórios anuais dos objetivos de desenvolvimento sustentável** desvela o quanto grupos vulneráveis como quilombolas, povos indígenas, ribeirinhas e populações periféricas estão expostas ao racismo ambiental, uma vez que são mais impactados negativamente pela distribuição desigual de riscos ambientais sofrendo desproporcionalmente com a falta de acesso a recursos naturais saudáveis e a poluição. Assim, utilizando como base os relatórios anuais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, tem por objetivo desvelar políticas públicas de combate ao racismo ambiental e voltadas a comunidades marginalizadas no Brasil. Temática relevante atualmente em que tantos vivem à margem e expostos à degradação ambiental.

Legislação e políticas públicas no foco da diversidade étnico-racial: entre lutas e contradições é um artigo que teve por objetivo expor o teor das legislações brasileiras que tratam da temática da diversidade étnico-racial, especialmente na educação, destacando o papel do Movimento Negro frente às conquistas destas leis. Por meio do estudo houve a constatação de que com as ações afirmativas uma intelectualidade insurge nas produções teóricas, desvelando conhecimentos que contribuem para uma nova compreensão do mundo social.

O estudo denominado **Ditos e não ditos sobre a constituição histórica da cidade de Rio Branco – AC: algumas abordagens decoloniais** trata da problematização de fatos históricos

em relação à fundação da cidade, desmistificando mitos de origens e deixar de reproduzir discursos colonizadores. Por meio da pesquisa baseada no aporte teórico de diferentes autores e de antigos jornais editados no Território Federal do Acre chega-se à conclusão de que é mais importante que definir datas para oficializar um mito fundador da cidade seria a reflexão diária da pluralidade de vidas que ali habitam e que, apesar do apagamento, resistem e existem.

O artigo **Epistemologia decolonial e seus desdobramentos: desafios e possibilidades no ensino** veicula uma revisão sistemática qualitativa sobre as múltiplas possibilidades no ensino possibilitadas pela epistemologia decolonial. Dentre as constatações propiciadas pela pesquisa está a de que a matriz colonial ainda está presente no ensino, por isso é necessário que sejam implementadas legislações como a Lei 10639/2003 rompendo com a hegemonia do saber eurocêntrico e buscando uma educação baseada nas relações étnico-raciais.

O artigo **“Sem a nossa cultura, não existimos”**: cultura e memória em Mazagão Velho, Amapá teve como objetivo de descrever a experiência vivida por estudantes do segundo ano do Curso Técnico Integrado em Redes de Computadores do Instituto Federal do Amapá (IFAP), localizado em Mazagão Velho no estado do Amapá. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, a intenção era fundamentar se a visita técnica propiciou aos estudantes o estabelecimento de relações com as temáticas trabalhadas em sala de aula. Dentre as conclusões depreende-se que houve por parte dos estudantes a operacionalização de conceitos como: racismo, etnocentrismo e outros.

A primeira resenha dessa edição apresenta a obra de Tarcízio Silva, *Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*, foi lançada no formato e-book e, de acordo com o texto, democratiza o acesso pelo valor mais acessível. A resenha **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes sociais** destaca que esta é primeira coleção em língua portuguesa que tematiza raça e tecnologia e traz à tona a questão dos ataques tecnopolíticos a grupos racializados, enfatizando que a apropriação da internet pela supremacia branca dissemina discursos de ódio nas redes sociais. Aponta conceitos como o de Inteligência Artificial e enfatiza que a tecnologia não é neutra, haja vista seu embranquecimento em buscadores como o *Google* e o *Faceapp*, faz um alerta sobre a necropolítica algorítmica que é capaz de utilizar a tecnologia a exercício do biopoder para criar arquétipos de suspeitos. Por fim, apresenta processos de resistência trazendo a afrodiáspora para o centro das análises e destacando a relevância da obra.

O trabalho intitulado **Grada Kilomba: o racismo cotidiano a partir de “memórias da plantação”**, faz parte da seção de resenhas, mas os autores destacam que não se trata de uma resenha e sim de um a reflexão da obra da autora. O texto inicia resgatando uma das tantas notícias de episódios de racismo tendo como alvo o jogador Vinícius Junior e de como situações como esta

podem ser explicadas por meio do conceito de racismo cotidiano, apresentado por Kilomba (2019), desvelando as causas e efeitos dos comportamentos racistas. A necessidade de tornar-se sujeito da própria voz e de apropriar-se da escrita enquanto ato político é destacada, uma vez que a linguagem é um poderoso instrumento que pode ser utilizado para descolonizar conhecimentos.

A formação da sociedade brasileira: sua relação com os bantos e malês, analisa a obra de Nei Lopes: *Bantos, Malês e Identidade Negra*, com primeira edição datada de 1988, mesmo ano em que a Constituição Brasileira foi promulgada. A resenha retrata uma obra riquíssima que conta a história da formação étnico-racial da sociedade brasileira, visibilizando o cruzamento entre bantos e malês na constituição identitária, social e cultural do Brasil. Uma obra que resgata a história da população brasileira desvelando o apagamento das contribuições dos povos africanos da diáspora que aqui foram trazidos à revelia e visibilizando a resistência negra e a riqueza de sua cultura.

O documentário *Mokambo - Nguzo Malunda Bantu* (Força da Tradição Bantu) é apresentado na resenha **África à vista: por outra rede de reformulações**. Dirigido pela jornalista e cineasta Soraya Públio Mesquita, o filme mostra que tanto a formação social, quanto a linguística e cultural do Brasil receberam contribuições das cosmologias africanas, em especial as do grupo Bantu. O filme traz o depoimento de especialistas de diferentes áreas que destacam que as figuras dos/das negros/as escravizados/as construíram a identidade brasileira, buscando combater os mecanismos de apagamento do que denomina de africanização da sociedade.

A resenha intitulada **O senhor do trem: história, cultura e ancestralidade negra**, analisa o filme *O Senhor do trem*, que foi dirigido por Aída Queiroz e Cesar Coelho. Trata-se de um curta-metragem voltado para o público jovem e conta a saga da menina Dandara que cresceu aprendendo com as histórias da avó. Depois que esta morre, vítima de bala perdida no Rio de Janeiro, é guiada pela visão de uma mulher africana, figura presente nas narrativas que a avó contava. Assim, perseguindo as histórias ouvidas da boca da avó, a menina se reconecta com sua ancestralidade enquanto descortina para os telespectadores a memória da cultura negra no Rio de Janeiro.

Os textos apresentados evidenciam que o racismo não dá trégua e se mostra nas mais diversas configurações: estrutural, cotidiano, ambiental, algorítmico, científico, epistemológico. Apesar de todas as lutas empreendidas pelo Movimento Negro e por todos aqueles e aquelas que se somam a este embate, o racismo se atualiza. No entanto, os artigos também refletem o esforço de pesquisadores e pesquisadoras que vêm se insurgindo no cenário acadêmico brasileiro, ocupando espaços, questionando o cânone, produzindo epistemologias, reescrevendo discursos até então hegemônicos e rompendo com o silêncio que há muito se fez presente na história da população negra e dos povos indígenas.

Por isso, façam como Audre Lorde quando afirma que é preciso transformar o silêncio em linguagem e ação (Lorde, 2019): soltem a voz, nos discursos e na escrita, usando a língua como uma possibilidade de recuperar a si mesmo/a, pois ao dominar a linguagem, tem-se a possibilidade de formar uma cultura de resistência, resgatando o trauma da escravização.

REFERÊNCIAS

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 51-55.

Sara da Silva Pereira

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).
Mestra em Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação pela UFPR.
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Psicomotricidade e em Mídias Integradas na Educação. Graduada em Pedagogia e em Letras Português/Espanhol e suas literaturas.
Professora na etapa da Educação Infantil, mas atualmente atua como diretora no Departamento de Educação Infantil. Integrante do Grupo de Estudos em Educação para as Relações Étnico-raciais ErêYá e do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac).